

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Laura da Silva**

**Aulas de Educação Física separadas por sexo? Com a palavra os e as  
estudantes.**

Porto Alegre  
2017

Laura da Silva

**Aulas de Educação Física separadas por sexo? Com a palavra os e as  
estudantes.**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança como pré-requisito para conclusão do curso de licenciatura em Educação Física.

Orientador Prof. Dr. Fabiano Bossle

Porto Alegre  
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SILVA, Laura da Aulas de

Educação Física separadas por sexo? Com a palavra  
os e as estudantes. / Laura da SILVA. –  
2017.

33 f.

Orientador: Fabiano BOSSLE.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) –  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de  
Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Porto  
Alegre, BR-RS, 2017.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA. 2. ENSINO MÉDIO. 3. DIVISÃO  
POR SEXO. I. BOSSLE, Fabiano, orient. II. Título.

Elaborada por Patrícia Redel – CRB 10/1690

Laura da Silva

**Aulas de Educação Física separadas por sexo? Com a palavra os e as  
estudantes.**

Conceito Final:

Aprovado em ..... de ..... de .....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca

Orientador – Prof. Dr. Fabiano Bossle - UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

**A minha mãe Tereza da Silva, pela educação que me deu, por todo o amor e carinho com que me criou apesar das imensas dificuldades.**

**Aos meus avós, Maria Luiza e Antônio da Silva, pelo amor incondicional, pelo exemplo a ser seguido, e por todos os afagos nos momentos difíceis.**

**À minha tia Luiza Elena da Silva, que me fez ser a mulher que me tornei, me ensinou a ter orgulho de ser mulher, a ser forte, ter opinião, ser sensível e a ter amor pelo próximo.**

**Ao meu irmão Lucas da Silva, que me auxiliou inúmeras vezes na construção do trabalho, que me ensinou que podemos ir mais longe, podemos sonhar alto e realizar nossos sonhos apesar de todas as barreiras que possamos enfrentar.**

**Ao Maurício Mendes, pelo apoio e compreensão, por ser meu companheiro nos melhores e nos piores momentos até aqui, pela compreensão e paciência.**

**Ao meu orientador professor Fabiano Bossle, por toda paciência e tranquilidade durante este período. Por todas as conversas esclarecedoras, pelas oportunidades de reflexão e por partilhar seu conhecimento conosco.**

**Ao Dante Cabreira, por todo incentivo e paciência comigo, por essa amizade preciosa que construímos durante o curso e por todos os conselhos sábios que me deu.**

**Ao Écio Lencina, por acreditar em mim mais do que eu mesma acredito, por me dar força nos momentos mais difíceis, por me levantar em momentos delicados.**

**Ao professor Eduardo Lusa Cadore, por me dar tantas oportunidades de crescimento dentro da Universidade, pelas oportunidades de aprendizados novos e pela confiança depositada em mim.**

**À Larissa Xavier e à Juliana Teodoro, pela confiança e pelas oportunidades de aprender, pelas conversas e por todas as tardes divertidas que passamos trabalhando juntas.**

**À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino gratuito e de qualidade.**

*[...]Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Que sejas ainda mais vivo  
No som do meu estribilho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Ouve bem o que te digo  
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Peço-te o prazer legítimo  
E o movimento preciso  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Quando o tempo for propício  
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*De modo que o meu espírito  
Ganhe um brilho definido  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
E eu espalhe benefícios  
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*O que usaremos pra isso  
Fica guardado em sigilo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Apenas contigo e comigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo[...]*

*Caetano Veloso*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como estudantes de Ensino Médio entendem as aulas de Educação Física separadas por sexo em uma Escola estadual de Porto Alegre. Quanto aos instrumentos de coleta das informações utilizados no trabalho, foi empregada a metodologia de pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas semi-estruturada com dez (10) alunos e alunas de ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A análise das informações coletadas permitiu identificar que os alunos e as alunas mesmo que acreditem na igualdade de gênero, parecem ainda ter dificuldades em se sentirem na condição de equidade, justificando a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física, principalmente, com argumentos biológicos, como a diferença de força e níveis de habilidades motoras diferentes entre os sexos. Concluindo assim, que as aulas de educação física separadas por sexo no ensino médio, tem, na perspectiva dos alunos e alunas, pontos a favor, como o melhor aproveitamento das aulas tanto para as meninas quanto para os meninos, como pontos contra, como a falta de integração da turma e o sentimento de incapacidade e inferioridade das meninas em relação à suas habilidades nas atividades.

**Palavras-chave:** Educação Física; Ensino Médio; Divisão por Sexo.

## ABSTRACT

The present research aims to understand how high school students understand the classes of Physical Education separated by sex in a State School of Porto Alegre. As for the instruments used to collect the information used in the study, a qualitative research methodology was used. Semi-structured interviews were conducted with ten (10) students and high school students from a state school in Porto Alegre. The interviews were recorded and transcribed. The analysis of the information collected allowed us to identify that students, even if they believe in gender equality, still seem to have difficulties in feeling in the condition of equity, justifying the separation of boys and girls in physical education classes, mainly with arguments such as the difference in strength and different levels of motor skills between the sexes. In conclusion, physical education classes separated by sex in high school have, in the students' perspective, favorable points such as the best use of the classes for both girls and boys as points against, such as lack of integration of the class and the feeling of inability and inferiority of the girls in relation to their abilities in the activities.

**Keywords:** Physical Education; High school; Division by Sex.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 O ADOLESCER NO AMBIENTE ESCOLAR</b>	<b>12</b>
<b>3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA ORIGEM NA ESCOLA BRASILEIRA</b>	<b>15</b>
<b>3.1 A Educação Física no Ensino Médio</b>	<b>17</b>
<b>3.2 Sobre a Divisão por Sexo nas Aulas de Educação Física</b>	<b>19</b>
<b>4 METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>22</b>
<b>5 DISCUSSÃO</b>	<b>23</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>33</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino médio integra a educação básica, juntamente com ensino infantil e fundamental, reforçando assim, que faz parte de um ciclo de aprendizagens, trocas e experiências iniciado na infância e continuado até a vida adulta. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio nos trazem que este período do ensino deve contemplar não só a formação científica, mas também a formação humana do indivíduo.

Para contemplar uma formação científica, humana e social, deve-se incluir no currículo, conforme o PCN, questões éticas, de autonomia intelectual e pensamento crítico dos sujeitos. A formação de um senso crítico abrange aspectos reflexivos em questões políticas, sociais e culturais, dando ao aluno condições de questionar e problematizar temáticas que estão naturalizadas não só no ambiente escolar, mas na sociedade como todo. A escola nesse sentido, pode então, ser o espaço que oportuniza dentro da temática das aulas, reflexões sobre os mais diversos assuntos que envolvem nossa sociedade, instigando o jovem a construir reflexões e questionamentos acerca destes.

O jovem que está no ensino médio, que logo sairá da escola e passará da condição de escolar à trabalhador, à indivíduo social, tem diversas responsabilidades. Além de seus sonhos, tem também as expectativas da sociedade sobre quem ele deve ser e o que deve fazer. Além de parte operante da sociedade como cidadão, trabalhador, produtor e consumidor do conhecimento, o jovem também é parte influente nos meios de comunicação de massa e no mercado consumidor, tanto de produtos como de conteúdos. Segundo Abramo, (2005) a atenção dos meios de comunicação, das pesquisas acadêmicas, de políticas e instituições vem aumentando em relação aos jovens, e esta afirmação vale também, para produtos e serviços, que têm sido propostos cada vez mais com foco no público jovem, dando destaque e importância à cultura, moda e saúde deste público.

Ainda conforme Abramo, (2005) mesmo o jovem aparecendo como público cada vez mais influente, quando se liga juventude à cidadania, os temas são costumeiros: prostituição, drogas, gravidez e violência. Estes temas dão ao jovem um significado de problema, para si ou para a sociedade, e nunca como sujeito capaz de opinar, participar, propor e negociar seus direitos. Para além destes assuntos, que dão conta de parte da realidade da maioria dos jovens, seria

necessário que outras temáticas fossem propostas, bem como as relações e papéis de meninas e meninos dentro da sociedade, na própria escola, em suas famílias e em seus círculos de amizade.

Partindo então dessas questões, que podem ser abordadas de forma a fazer parte da aprendizagem, podemos perceber que a escola, principalmente no Ensino Médio, é um “recorte” muito importante da sociedade, ou seja, a escola é um pequeno núcleo social e cultural, que, assim como na sociedade em geral, permite e repudia certos comportamentos. Mais do que isso, ela também incorpora normas e condutas naturalizadas como corretas, muitas vezes sem problematizá-las e pô-las em xeque. O que quero dizer com a escola ser um “recorte” da sociedade, é que, feliz ou infelizmente no pequeno núcleo escolar, há a reprodução de conceitos, padrões e comportamentos já impostos na sociedade como certos ou errados, sem que haja questionamentos e discussões sobre os mesmos.

Cabe a todas as disciplinas presentes no currículo a formação científica e também humana dos alunos, porém há de se enxergar na Educação Física um grande potencial para se tornar um espaço de discussão de questões sociais. Segundo Corsino & Auad, (2012) a educação física é palco de um jogo de resistências e aceitações, ou seja, durante as aulas, pode-se perceber que, a todo momento, há práticas de dominação e, ao mesmo tempo, de resistência. Bem como Louro (1997) que traz a importância de percebermos que a educação física torna mais evidente estes conflitos, em virtude de sua história estar repleta de conceitos que se pautam na fisiologia, biologia e higiene.

Partindo então desses conflitos gerados na educação física e também fora dela, a escola tem um papel social importantíssimo e passa a ser um parâmetro social e cultural para seus alunos, pois, é nela que passam boa parte do seu dia, criam vínculos de amizade, mediam e resolvem conflitos, constroem suas opiniões e suas referências. As temáticas sociais são parte importante da formação dos alunos, e como já havia dito, estão contempladas como formação humana nos PCNs. Dos assuntos que a formação humana envolve, a reflexão e o questionamento acerca da organização social, das divisões de grupos feitas a partir de manifestações culturais, questões socioeconômicas, gênero, sexo, idade e suas relações de poder são algumas temáticas que a Educação Física pode abordar dentro dos seus conteúdos.

No presente trabalho, irei me ater à questão relacionada aos sexos, mais especificamente à divisão de sexos nas aulas de educação física no ensino médio e

seus desdobramentos segundo a visão dos alunos. O objetivo deste trabalho de conclusão é compreender o que estudantes de Ensino Médio pensam sobre a questão da divisão de sexos nas aulas de educação física, em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

A problemática abordada aqui gira em torno da seguinte questão: **como estudantes de Ensino Médio entendem as aulas de Educação Física separadas por sexo em uma Escola da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre?** Para respondê-la, utilizarei a produção de significados dos alunos e alunas com relação à esta temática.

## 2 O ADOLESCER NO AMBIENTE ESCOLAR

Nesta pesquisa, vou empregar a expressão *adolescer*. Entendo que a expressão é adequada, porque, segundo Abramo, (2005) embora comumente utilizada para descrever processos como a puberdade e mudanças comportamentais, o termo “adolescência” vem desde anos 80, sendo usado para dar nome a uma fase especial do ciclo de vida e do desenvolvimento humano, tal significado é resultado de movimentos sociais em prol dos direitos da infância e adolescência.

A adolescência é uma fase de mudanças complexas e profundas, para Becker, (1993) o adolescente “Enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais[...] se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, valores velhos e decadentes se contrapondo a novas ideias e conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação.” Ainda segundo o autor, é exigido que o adolescente tome atitudes como um adulto, como a escolha de uma carreira, mas ao mesmo tempo lhe é negada sua liberdade, e conseqüentemente alguma autonomia que poderia vir a ter.

Toda essa transição entre a fase da adolescência e a vida adulta, perpassa pelo ambiente escolar, e a trajetória escolar é, sem dúvida, um período de construção de identidade. Este processo de construção que ocorre durante toda a educação básica, fica muito mais evidente durante a adolescência, portanto, nos anos finais do ensino fundamental e durante todo o ensino médio. Mais evidente e mais consciente também. Há nesta fase, uma maior conscientização dos indivíduos sobre este processo de formação de identidade, de caráter e de escolhas.

Os adolescentes passam a fazer escolhas com relação à suas preferências, optam ou são levados a participar de determinados grupos, são integrados ou excluídos de tantos outros, se unem por afinidades, criam laços de amizade mais sólidos, tem de certa forma que aprender a resolver questões conflituosas e lidar com opiniões que divergem das suas.

Este período entre a adolescência e a vida adulta, que ocorre simultaneamente ao ensino médio escolar, traz consigo muitos conflitos, justamente por estarem construindo suas identidades e discernindo comportamentos aceitáveis ou não aceitáveis dentro e fora da escola. Para André (1995),

“tradicionalmente, a transição da juventude para a vida adulta é marcada por um complexo processo que abarca a passagem pela escola, a inserção no mercado de trabalho, uma nova constituição familiar, filhos e casamento, o que supostamente sinaliza a independência do/a jovem e a entrada na vida adulta”.

Fora todas as preocupações e decisões a serem tomadas em relação ao presente (amigos, relacionamentos amorosos, responsabilidades familiares e escolares), há também um conflito em saber à que mundo aquele adolescente pertence e pertencerá dali para frente. O que será do futuro, qual a profissão seguir, qual a possibilidade de investir em uma carreira acadêmica, pressão em relação à contribuir economicamente em casa, etc.

Para Backes (2011),

“A adolescência aparece assim como o momento crucial da estruturação subjetiva em que pode ser apreendida esta passagem do laço parental ao laço social [...] A adolescência é também o momento em que vão se decidir as orientações de vida de um sujeito, especialmente sua decisão profissional, amorosa e social.”

Este laço social vem principalmente da escola que oferta amizades, normas de convivência, organização social, descoberta da sexualidade e muitas vezes apresenta também, faces preconceituosas e conservadoras sobre estes e outros assuntos. Então aqui, a escola se torna, novamente, o pequeno núcleo social, o “recorte” da sociedade externa à ela, que constrói junto aos alunos uma porção de opiniões, culturas e formas de enxergar o mundo.

As transições entre infância, adolescência e vida adulta acontecem todas “sob o olhar” da escola, e sob todas as experiências e influências oferecidas por ela. A construção de identidade, as experiências que constroem o “eu”, o autoconhecimento, as escolhas de toda natureza, a cultura, a religião, os comportamentos, os padrões a serem seguidos, a sexualidade, todos podem passar pelo ambiente escolar, seja dentro das aulas ou em períodos vagos de convivência com os demais. Para Andrade (2014) “a escola pode ser um lugar intensificador dessas relações sociais e constituidora das práticas, das experiências de si.”

A escola então, não tem apenas o papel importante de ensinar os conteúdos previstos, mas principalmente de prover a experiência aos estudantes de como é viver em sociedade e se construir através dela, conviver com diferentes pessoas,

conhecer e respeitar diferentes culturas, opiniões, gêneros e diferenças de toda natureza, sem que estas escolhas sejam tomadas como um limitador social.

### **3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA ORIGEM NA ESCOLA BRASILEIRA**

Falarei aqui da trajetória da Educação Física no Brasil. Suas origens e sua história ajudam a explicar práticas e posicionamentos empregados, ainda hoje, na educação física escolar, que estão incutidos de heranças militares e higienistas.

O nome “educação física” nos remete, de certa forma, ao sentido denotativo das palavras: doutrinar, normalizar os corpos. E foi neste sentido que a educação física começou a aparecer dentro do campo da educação no Brasil. Com objetivos um tanto quanto distintos dos propostos hoje, a educação física tinha como finalidade ser meio de construção de corpos robustos e saudáveis, propulsora de disciplina e moral e promotora de patriotismo.

As divisões de sexo utilizadas ainda hoje nas aulas de educação física foram propagadas ainda mais, segundo Souza (2000), quando Rui Barbosa posiciona-se favorável à programas diferenciados para alunos e alunas, em que para o sexo feminino a educação física teria como objetivo a ginástica calistênica, movimentos que não fossem prejudiciais à doçura e elegância feminina. Enquanto para o sexo masculino, a ginástica seria somada a exercícios de cunho militar e reforço ao patriotismo.

A educação física, chamada até aqui de “ginástica”, surge então no Brasil, segundo Castro (1997), com a denominação conhecida hoje, e dentro das escolas a partir 1929. Passa então, através de um documento publicado em um anteprojeto de lei, sob o ministério da guerra do general Nestor Sezefredo Passos, a ser obrigatória em todas as instituições de ensino para os alunos a partir dos 6 anos de idade de ambos os sexos.

Ainda de acordo com o autor, em 1931, o ministro da educação e saúde Francisco Campos, estabelece que a educação física deva adotar as normas e diretrizes do Centro Militar de Educação Física, utilizando então o Método Francês de ensino. Já em 1937, com a nova constituição promulgada, tornou-se então, obrigatória a educação física em todos os estabelecimentos de ensino, tendo como objetivo o condicionamento físico para o cumprimento dos deveres com a pátria.

Conforme González & Fraga (2012), por volta do início da década de 1980, começa a surgir um movimento que pretendia criar as condições para uma “virada cultural” na forma de entender a educação física na escola. O “movimento renovador” da educação física”, este movimento tinha como intenção livrar a



Educação Física da simples função de atividade física e “mera atividade pedagógica” como referem-se González & Fraga (2012). Começa então uma luta para que se ressignifique o sentido da Educação Física dentro da educação escolar.

A partir do final dos anos 70 e início da década de 80, construiu-se, na educação física brasileira, um conjunto de concepções pedagógicas que buscavam visualizar outros motivos justificadores da presença da educação física na escola, que não aquele centrado no eixo paradigmático da aptidão física. (Oliveira, 2005)

Em 1996 então, é sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O documento, conforme Cury, (2008) estabelece que “a educação, dada sua inerência à cidadania e aos direitos humanos, foi, então, positivada como direito.” Mais especificamente falando da educação física, a LDB a apresenta como componente curricular obrigatório da educação básica e que deve estar incorporada à proposta pedagógica da escola. Outro documento importante que esmiúça ainda mais o papel da educação física, delineando melhor seus significados na educação básica são os Parâmetros Curriculares Nacionais.

A Educação Física, segundo Coletivo de Autores (1992), tem um trato e uma abordagem diferente das demais disciplinas, o que fica evidenciado através do Decreto Federal n- 69.450/71, título IV, cap. I, que traz definições como a sequência e distribuição semanal das aulas, o tempo disponível para as mesmas e a composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo. A última, ainda conforme o Coletivo de Autores (1992), deve-se à aspectos fisiológicos advindos dos princípios de carga e sobrecarga, relativo à métodos do treinamento desportivo.

### **3.1 A Educação Física no Ensino Médio**

Neste subcapítulo, irei tratar dos papéis da educação física no Ensino Médio, de suas propostas e objetivos dentro desta etapa escolar. Considero que para entendermos a divisão por sexo nestas aulas e seus desdobramentos diversos é necessário contextualizá-las.

Conforme Darido (1999), a Educação Física no ensino médio deve oportunizar experiências e conhecimentos além da prática com fim nela mesma, ou seja, assegurar a aprendizagem da cultura corporal de movimento, desdobrando-se

em práticas que permitam a compreensão, reflexão, análise crítica e objetivem a autonomia dos alunos. O PCN do ensino médio corroborando com a autora, indica que a educação física deve compreender, não apenas a realização de práticas corporais, mas que estas práticas possuam significados, construam para o aluno, através dos signos e dos símbolos, sentidos para aprendizagem.

De acordo com o documento “Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCN+)

“se a constituição do indivíduo em ser humano decorre da internalização dos signos sociais, é tarefa de nossa disciplina desvelar e analisar criticamente[...] aqueles que referem-se à expressão e comunicação corporal, uma vez que se pretende atingir a dimensão social do conhecimento específico da Educação Física”

Ora, se de fato a Educação Física tem o papel de desenvolver e de construir um sujeito social e crítico, por que ela ainda reproduz métodos de uma época onde a educação física nada mais era do que um instrumento de doutrinação?

Ao ingressar no Ensino Médio, espera-se que os alunos já tenham alguma experiência corporal, tenham experimentado esportes, lutas, danças, ginástica e tenham posto seu corpo à prova de diversas práticas corporais. Neste sentido, a Educação Física é um espaço para, segundo Mattos & Neira (2013) criar situações que coloquem esses conhecimentos, permitindo e estimulando sua utilização em situações sociais. Ainda segundo os autores, “o professor deve criar situações que coloquem esses conhecimentos em questão, situações que solicitem ao jovem a resolução de um problema”, principalmente nos planos estratégico, motor e conceitual.

Trazendo estes conceitos para a prática, Mattos & Neira (2013) apresentam também, que ao perceber que os alunos ou a turma já internalizaram, naturalizaram determinado comportamento ou prática, o professor deve desafiá-los de maneira a fazê-los superar tais desafios, o que torna as aulas de Educação Física mais interessante e com maior profundidade e significado.

Dos conhecimentos da educação física destacam-se, segundo González & Fraga (2012): compreender a dinâmica das representações e práticas sociais, que constroem a cultura corporal de movimento; experimentar e apreciar as diversas práticas corporais e seus significados ao longo do tempo; utilizar-se da linguagem corporal para expressar ideias e comunicar-se; manter a memória cultural de outras

épocas, mantendo estas memórias vivas e acessíveis à novas gerações; compreender a relação entre atividade física e saúde; conhecer diferentes culturas; e compreender os padrões de beleza e estereótipos formando uma opinião crítica sobre o assunto.

Padrões de beleza e de comportamento são amplamente difundidos entre os adolescentes. Verifica-se também que a adolescência resulta de alterações estruturais e funcionais no organismo (de um perfil anterior de criança para um de adulto) e também do intenso desejo de auto afirmação, levando a conflitos interiores. (DE ALMEIDA, 2007)

Os corpos em constante mudança e os padrões corporais cada vez mais difíceis de serem alcançados, tornam esta difícil etapa ainda mais complexa para os adolescentes. Para Silva (2001), as constantes pesquisas na área médica, estética, de academias e práticas corporais realizadas em função dos padrões ideais de corpo, tem justificado e amparado diversas intervenções sociais que tratam corpo como apenas uma forma. Surgem daí também, as questões biológicas, de habilidade e de força, que fundamentam a separação de sexo dentro das aulas de educação física. Para alguns alunos de ensino médio a divisão por sexo nas aulas de educação física pode ser justificada muitas vezes com estes argumentos, como a pesquisa feita por Louzada e Devede (2007), em que os alunos do ensino médio que são a favor das turmas separadas por sexo, justificam tal separação porque os segundo as meninas os meninos eram muito brutos, e para os meninos as aulas sem as garotas eram mais intensas e proveitosas. Indo na contramão das justificativas de cunho unicamente biológicas Saraiva (2005) mostra que “ o que se tem comprovado é que diferenças entre moças e rapazes são fortemente condicionadas pela socialização”.

### **3.2 Sobre a Divisão por Sexo nas Aulas de Educação Física**

Tratarei aqui de mostrar, na visão de outros autores e de suas pesquisas, as relações da divisão por sexo nas aulas de educação física e quais os argumentos utilizados para embasar tal divisão. Pontuarei trabalhos anteriores que se trataram desta temática, que já mobilizou diversas pesquisas em seu entorno.

Dornelles (2009) aponta, que houve períodos em que esta divisão de sexos era amparada por lei, como consta no Decreto nº 69.4502, de 1971 onde a disposição das turmas tinha como indicação 50 alunos do mesmo sexo. Por volta do início da década de 1980, conforme González & Fraga(2012) em meio à ampla mobilização social e política em prol da redemocratização do país, começa a surgir um movimento que pretendia criar as condições para uma “virada cultural” na forma de entender a educação física na escola. O “movimento renovador” da educação física, como anos mais tarde ficou conhecido, reunia uma série de pensadores que ambicionava “livrá-la” da condição de mera atividade pedagógica.

A Educação Física hoje segue as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, alterada em 2003, porém, este documento não traz nenhuma indicação sobre a composição das turmas. Conforme Dornelles (2009), ainda que haja as Diretrizes Curriculares, que são diretrizes em um formato mais geral, a maior parte das escolas acaba por se organizar através de suas propostas pedagógicas e curriculares.

Não tendo uma orientação mais explícita sobre como atuar diante da divisão ou não por sexo nas aulas de Educação Física, cada escola opta pela opção que vai de encontro à suas propostas e seu funcionamento, até mesmo no que diz respeito aos espaços físicos, que podem ser um argumento para tal divisão. Além das Diretrizes, as escolas contam com o PCN, aqui mais específico para o ensino médio, mas que igualmente à LDB e às Diretrizes Curriculares Nacionais, não traz nenhuma orientação sobre esta temática. Ainda conforme Dornelles (2009),

de forma contrária, nos dois livros dos PCNs destinados a essa área – da 1ª à 4ª série (BRASIL, 1997) e da 5ª à 8ª série (BRASIL, 1998a) –, assim como no livro destinado aos Temas Transversais (BRASIL, 1998b), há, sim, indicações de que as aulas de educação física aconteçam de forma mista, buscando-se com esse recurso trabalhar questões de gênero e educar para o respeito às diferenças e para a desconstrução de preconceitos[...].”

A educação física é trazida, então, nas orientações para o Ensino Fundamental, como campo para combate aos preconceitos e respeito a diferenças de toda natureza, o que não é trazido de forma clara para o Ensino Médio. No PCN+ da Educação Física para o Ensino Médio, é trazido de forma mais abstrata esta questão, como neste trecho sujeito à interpretações: “[...]é tarefa de nossa disciplina desvelar e analisar criticamente, sempre de forma contextualizada, aqueles que referem-se à expressão e comunicação corporal, uma vez que se

pretende atingir a dimensão social do conhecimento específico da Educação Física.” Ainda que de forma abstrata, trabalhar a dimensão social traz em si, dentre tantas coisas, trabalhar questões sobre relações de poder, sexo e gênero.

Conforme Altmann (1999), embora o tema sexualidade seja destacado como assunto pertinente a ser trabalhado nas aulas de Educação Física, ele é mencionado dentro dos conteúdos da disciplina nos PCNs como um assunto transversal e não como um conteúdo propriamente dito. Sobre o assunto, apenas questões fisiológicas e anatômicas são citadas, fugindo então, a temáticas que envolvam as dimensões sociais e culturais dos corpos e suas construções.

Existe na sociedade, a tendência de normalização dos comportamentos, na escola não é diferente. Para Neves *et al* (2016) “na instituição escolar funcionam estratégias que visam conter e conduzir, constituindo os sujeitos e produzindo regulação, atualizando mecanismos de conservação social e manutenção da ordem.” Entretanto para Corsino e Auad (2012), “tornou-se imprescindível perceber a escola como uma instituição marcada por práticas discursivas, que se configura como um campo de lutas por significados, de lutas simbólicas e de relações de poder”. Contudo, segundo os autores, “essas relações nem sempre são explícitas e operam também por meio do silêncio”. Sendo assim, a escola é um campo em potencial para discussão e superação das diferenças de sexo e gênero através de discussões e inclusão destas questões nas aulas, mas ao mesmo tempo ao calar-se diante destas temáticas a escola pode estar corroborando para aumentar diferenças e preconceitos criados na sociedade.

A aula de educação física é um espaço onde as diferenças entre os corpos podem ser acentuadas, ainda mais no que diz respeito a habilidades que estes corpos possuem ou não, e aqui possuem por terem tido a oportunidade ou não, de trabalhá-las. Esta questão das oportunidades de experienciar movimentos, gestos, práticas e habilidades vem desde o nascimento. Isto porque, meninas e meninos ao nascerem são sentenciados a determinadas condutas, práticas, brincadeiras, cores e outros que acabam estereotipando os indivíduos. Conforme Saraiva (2005),

o estereótipo é um conjunto de características que definem o papel do indivíduo, uma atribuição de características específicas que resulta na internalização, por parte dos indivíduos e grupos, de características que diferenciam os papéis que cada um dos sexos deve desempenhar na sociedade.

Para além destes papéis determinados para cada sexo dentro da sociedade, segundo Goellner (2010), toma como referência a prática de modalidades diferentes para meninas e meninos, com a justificativa de os corpos destes serem anatomicamente diferentes, porém, a autora confronta tal ideia apontando que é necessário enxergarmos tais diferenças como construídas cultural e socialmente, e a partir destas construções são apontadas as práticas mais adequadas para cada sexo. Goellner (2010) ainda afirma que

para construir uma prática pedagógica inclusiva e diferenciada, é fundamental entender que existem muitos elementos de ordem cultural que historicamente têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros, inclusive, no campo do acesso e da permanência nas atividades esportivas.

Dentre estes elementos estão as oportunidades de vivenciar práticas esportivas e de lazer, que para meninas são menos ofertadas, meninas são menos incentivadas pela família e amigos a participarem de atividades esportivas, existem sim diferenças de habilidade entre meninos e meninas, mas esta diferença deriva das oportunidades que são ofertadas para ambos os sexos, e não por que ser mulher ou ser homem define níveis de habilidades.

Chamando atenção para a questão das oportunidades de vivenciar determinadas práticas corporais, é necessário perceber que esta divisão de sexos nas aulas de educação física pode acabar distanciando ainda mais as oportunidades de práticas novas e aprendizados diversos de meninas e meninos.

O processo de socialização torna-se, então, de fundamental importância na tentativa de se entender as experiências e tarefas das aulas de Educação Física, que tendam a garantir uma igualdade de direitos entre meninas e meninos, nesta instância de socialização, tendo em vista a possível emancipação social de todos. (KUNZ, 1993)

Ainda para Corsino e Auad (2012), para haver igualdade, a diferença não precisa ser eliminada necessariamente e deve, até mesmo e em alguns casos, ser reconhecida, assumida e trabalhada de modo afirmativo.

Nesta perspectiva de trabalhar as diferenças de modo afirmativo, entramos noutra conflito, que nos mostra primeiramente que aulas mistas, não são a garantia de que haverá integração e igualdade nas aulas de educação física.

#### **4 METODOLOGIA DE PESQUISA**

O presente trabalho irá adotar uma metodologia de pesquisa qualitativa. Para Negrine (2010), “a base analógica deste tipo de investigação se centra na descrição, análise, interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada.”

Para isso, utilizei uma entrevista semi-estruturada. Segundo Negrine (2010), neste tipo de entrevista são definidas questões previamente, como um roteiro, porém, permitindo que o pesquisador faça explorações não previstas e que o entrevistado disserte mais livremente sobre a temática. O ideal desse tipo de instrumento de coleta das informações é que o momento da entrevista, formal, se transforme em diálogo, permitindo que a conversa flua em tom de confiança. Para a coleta das informações foi utilizado o gravador do smartphone Iphone®, modelo 5s. As entrevistas foram feitas com 10 alunos de ensino médio de uma Escola Estadual de Porto Alegre, em uma sala de aula reservada, onde estavam presentes apenas o entrevistador e o entrevistado. Com questões abertas, a entrevista terá nomes fantasia para os entrevistados e para a escola.

Para todos os 10 voluntários da pesquisa foi entregue um termo de consentimento em duas vias, uma para o entrevistado e outra para o entrevistador. Todas as entrevistas foram transcritas, o que permitiu a leitura por muitas vezes do material coletado, fundamental para a análise das informações e para a discussão, que passo a apresentar a seguir.

Os estudantes participantes da pesquisa foram selecionados dentro da turma de estágio obrigatório de docência no ensino médio, através de conversas prévias sobre a temática e a partir daí se voluntariaram para participar.

## 5 DISCUSSÃO

Neste capítulo, trato da análise e discussão das informações coletadas junto aos 10 estudantes participantes, realizada fundamentalmente na articulação entre a interpretação dos significados produzidos e compartilhados pelos estudantes e as teorias que fundamentam o estudo. A análise das entrevistas mostrou que surgiram respostas próximas entre os alunos. Quando perguntados sobre as aulas de educação física no ensino fundamental, com intuito de traçar algum comparativo entre estas duas etapas, ensino fundamental e médio, boa parte dos alunos respondeu que a educação física era mais interessante no ensino fundamental e que, contava com mais atividades e com maior participação e integração entre os alunos da turma. Como para Luiza, “no ensino fundamental era mais brincadeiras[...], e era mais legal porque todo mundo participava, não é igual esse ano que é só vôlei e tem gente que não sabe jogar tipo eu, então eu fico sentada sem fazer nada.”.

E esta insatisfação foi relatada por outros alunos também, que trouxeram além das questões comparativas, questões que envolvem a escolha das temáticas das aulas, “eu fazia bastante atividade até, e quem não queria jogar vôlei ou não queria jogar basquete ou não queria jogar futebol, a gente tinha que fazer 15 minutos de caminhada pra depois sentar, a gente não podia ficar parado pra ganhar nota, por nada que nem a gente fica aqui.” Isto mostra, que a educação física tem feito muito pouco do que está orientado como papel dela no ensino médio, segundo as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCN+), a educação física trabalhará como ferramenta para desvelar e analisar criticamente signos e símbolos sociais, para a formação de um indivíduo humano e crítico, isso, através da expressão e comunicação corporal.

As aulas de educação física na escola em questão mostram-se então, trabalhando temáticas e abordagens distantes da cultura jovem. Como na frase de Fernando é possível identificar “eu queria que fosse mais coisas, não só vôlei.[...] Dança, eu ia gostar que tivesse.”. A dança é uma manifestação cultural muito presente na juventude escolar. As músicas e danças expressam sentimentos, posturas, desejos dos jovens através da cultura corporal do movimento. Sendo então, uma forma legítima de cultura corporal do movimento ignorada nas aulas de



educação física, e que poderia ser uma temática interessante a ser trabalhada nas aulas do ensino médio.

Na fala de Fernando e de outros alunos, há também um anseio por aulas com maior significado. Aulas que envolvam temáticas que construam e desconstruam junto com os alunos, e que tornem de fato o aprendizado significativo e próximo da cultura jovem. Para Dayrell (2003), a maneira como compreendemos o jovem, como um ser em fase transitória e preparatória para a vida adulta, desconsidera sua cultura e suas ações no presente. Esta tendência, ainda segundo o autor, é muito presente na escola, que sempre vislumbra conquistas futuras e nunca o presente vivido pelos jovens. Por isto, a cultura jovem vem sendo ignorada nas aulas de educação física do ensino médio, por ser considerada uma fase transitória, a juventude e tudo que nela é apoiado e construído é desvalorizada, se perdendo assim oportunidades de aproximação, compreensão e de trabalhos mais efetivos e aprendizados mais significativos para os alunos.

Quando perguntado como gostaria que fossem as aulas de educação física Fernando respondeu: “eu vejo bem largada, eu não sei, eu não estudei noutra colégio, mas aqui especificamente é bem ‘a la vontê’. Eu queria que fosse mais coisas, não só vôlei. Qualquer coisa, tipo uma coisa diferente, pra gente se mexer. Dança, eu ia gostar que tivesse. Além de Fernando, Luiza também respondeu com ideias diferentes para as aulas “Eu gostaria que fosse mais de brincadeira também ou esporte diferentes que todo mundo gostaria de participar não só vôlei e futebol [...]”.

As respostas dadas pelos alunos vão ao encontro, então, com González & Fraga (2012), que compreendem a educação física como uma oportunidade de praticar e apreciar as diversas práticas corporais e entender seus significados e não simplesmente praticar esportes pré-estabelecidos como padrão. Na escola em questão, as aulas de educação física resumem-se a entrega de uma bola de vôlei aos alunos que querem jogar o esporte, enquanto os demais assistem sentados com seus celulares ou em grupos de conversa.

Além de empobrecer ou enriquecer as experiências na educação física, a escolha das modalidades e temáticas de aula influenciam também outras questões que permeiam o aprendizado dos alunos. As questões de gênero e sexo atravessam as aulas em vários momentos, ainda que, muitas vezes de forma subjetiva, questões como a das “modalidades para meninos e meninas” e a coação dos meninos com as

meninas que “não sabem jogar” determinada prática acontecem com frequência. Estas questões apareceram de forma marcante e definida nas respostas de 3 dos 10 entrevistados para a pergunta número 3, “Me fala um pouco se para você, as aulas de EFI deveriam ser separadas entre meninos e meninas e por quê?”, porém para os que responderam que não deveria ser separada, houve ressalvas sobre os meninos serem mais agressivos e sobre os xingamentos que acontecem durante as práticas mistas. “Não [...] E também eu acho que poderia sim um futebol, porque os meninos são muito agressivos eu acho assim”, para Fernando ainda que seja contra aulas separadas, o futebol deveria ser uma prática dividida por sexos. Para Goellner (2010), há grupos privilegiados no campo de acesso e permanência de determinadas modalidades esportivas, como no caso do futebol citado por Fernando, como um esporte que deveria dividir meninos e meninas, o que diminuiria as oportunidades de acesso, prática e permanência delas no esporte.

Assim como para Fernando, para Andressa a questão se coloca da mesma maneira, “não, não precisa separar, não tem diferença, todo mundo é igual. Eu acho que as gurias podem jogar com os guris, só eles terem um pouco de calma né?”. Questões como o constrangimento e hostilidade apareceram também de forma significativa. Camila respondeu:

Eu acho que seria melhor se fosse separado, por que tipo eu acho os guris muito agressivo assim, eles acham que tão jogando tipo só entre eles e daí machucou, machucou, tanto faz pra eles[...] a gente se sente mais à vontade só guria, por que[...] eu tenho muito medo de levar uma bolada e me machucar, e às vezes os guris exigem demais da gente, daí a gente não vai saber e eles vão lá e xingam a gente, e entre meninas não, entre meninas a gente se sente melhor, mais confortável”

Assim como Gabriela: “Sim, porque tem uns guri que são muito, como se fala? Agressivo. Daí acho que tinha que ser separado. Se fosse só guria eu ia ficar mais, tipo solta assim pra jogar, tenho vergonha de errar, por que os guri xingam a gente.”

Por outro lado, houve também, os alunos que defenderam as aulas mistas, com o argumento de que todos são capazes de conviver e aprender da mesma forma. Questionada ainda sobre a questão da separação ou não das aulas de educação física por sexos, Laysi respondeu: “[...]eu acho que todo mundo tem capacidade de fazer junto, de aprender igual. Acho que não dá pra separar daí parece que a gente é menos, tipo, que guria sabe menos que guri, sabe?” assim como ela Luiza disse: “Eu acho que não porque tem guria que gosta de jogar futebol

e fazer exercício junto com os guri e tem guri que gosta de fazer junto com guria então eu acho que tem que ser todo mundo junto. Todo mundo pode jogar junto e aprender”. As respostas se aproximam do que Kunz (1993) descreve como papel social da educação física, a garantia da igualdade de gênero entre meninos e meninas, visando a emancipação social de ambos.

De fato, a educação física é um campo rico para o trabalho das questões de gênero, tanto em aulas específicas como quando abordada em aulas de educação física e sociedade, como em pequenos conflitos dentro das aulas. Durante a entrevista duas das meninas, Mariana e Camila, falaram sobre os xingamentos que acontecem durante as aulas, “[...]e não ia ficar com medo de errar, porque os guris xingam a gente, que a gente não sabe jogar.”; “[...]e às vezes os guris exigem demais da gente, daí a gente não vai saber e eles vão lá e xingam a gente[...]”. Sobre estes episódios, seria interessante que os professores fizessem alguma intervenção durante as aulas, mediassem estes conflitos como a porta de entrada para o trabalho das questões de gênero na educação física. Silenciar diante destas questões parece não gerar conflitos, mas por outro lado, reproduz comportamentos sexistas sem nenhuma reflexão acerca do assunto, e ainda pode acabar por naturalizar a superioridade dos meninos sobre as meninas.

Segundo Corsino & Auad (2012), “essas relações [de gênero] nem sempre são explícitas e operam também por meio do silêncio [...] são e podem ser radicalmente questionadas através das práticas cotidianas expressas nas diferentes linguagens.” As aulas separadas por sexo diminuem as chances de conflito entre meninos e meninas, mas também diminuem as oportunidades de reflexão acerca das diferenças entre ambos no campo das práticas corporais. O silêncio sobre tal problemática reforça as diferenças de papéis do feminino e do masculino, que estão propostos e estereotipados fortemente na sociedade. No campo das práticas corporais, principalmente dos esportes, não é diferente, há práticas e comportamentos esperados para meninas e meninos, o que argumenta de certa forma, a favor de aulas separadas por sexo.

Um caminho para que nós professores e também os alunos, possamos enxergar de outra forma esta questão, é entendermos as diferenças como culturais e não mais como estereótipos do feminino e masculino. Conforme Saraiva (2005), se as diferentes formas de comportamento no esporte não forem vistas como expressão de estereótipos de papéis contraditórios, mas sim como diferenças

condicionadas culturalmente, tem-se uma nova luz sobre as dificuldades da prática conjunta. Ainda segundo a autora, um novo olhar sob as diferenças pode deixar mais claro e evidente qual rendimento e conduta espera-se de meninos e meninas para que possam compartilhar uma prática corporal. Sendo assim, uma prática conjunta sob esse olhar, traria aos alunos uma reflexão sobre adaptar-se à novas culturas, e não mais sobre atender às expectativas do que é esperado socialmente de meninos e meninas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o que estudantes de Ensino Médio pensam sobre a questão da divisão de sexos nas aulas de educação física, em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. O problema de pesquisa formulado foi: **como estudantes de Ensino Médio entendem as aulas de Educação Física separadas por sexo em uma Escola da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre?**

A partir da análise das entrevistas realizadas com 10 participantes, foi possível concluir que as aulas de educação física separadas por sexo no ensino médio, tem, na perspectiva dos alunos e alunas, manifestações que concordam e argumentam sobre a separação por sexo nas aulas de educação física e, outras que posicionam diferente, defendendo aulas mistas. Como ponto positivo, foram apontados o melhor aproveitamento das aulas tanto para as meninas quanto para os meninos. Da parte das meninas foi relatada uma sensação de maior liberdade no desenvolvimento das atividades sem a presença dos meninos, pois não haveria coação nem constrangimentos ao errarem alguma ação.

Como pontos negativos, foi apontada a desigualdade, que é reforçada com a separação e a falta de integração da turma com a possível separação. Também houve um notável sentimento de incapacidade e inferioridade das meninas em relação às suas habilidades nas atividades propostas nas aulas, principalmente nas quais a temática gira em torno dos esportes, frustração fruto de xingamentos e constrangimentos dos meninos em relação às elas. Além disso, há certa frustração com a disciplina de educação física por parte dos alunos, que não veem contempladas suas experiências e sua cultura dentro das aulas, as tornando pouco significativas no que diz respeito à aprendizagens.

Com isso, penso que a educação física deve se organizar também, de acordo com as necessidades do jovem, e deve trazer às suas aulas, questões recorrentes na sociedade atual, como as questões de gênero e seus desdobramentos. A escola e suas inúmeras disciplinas, não podem silenciar diante de uma problemática tão urgente como a desigualdade entre os sexos. Como professora da área da educação física, acredito ser nosso dever propor práticas e discussões sobre questões sociais, mostrando as relações de poder entre sexos, raças, classes, fazendo a mediação para as reflexões dos alunos, principalmente no ensino médio.

Com a realização do estudo foi possível entender como meninas jovens do ensino médio sentem-se inferiorizadas e muitas vezes constrangidas em relação às práticas propostas nas aulas de educação física e com a forma que são propostas, ignorando as diferenças e silenciando diante das desigualdades. Acredito que o estudo poderia avançar na ideia de como solucionar esta questão, como trabalhar as diferenças entre os sexos de forma a refletir, discutir e equalizar tais diferenças.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro.** 2005. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472\\_1175\\_cadernoJuv.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2017.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 1999.
- ANDRADE, S. S.; MEYER, D. E. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 1, p. 85-99, 2014.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BACKES, Carmem. **O Que Consome o Adolescente.** 2011. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/28830>>. Acesso em: 03 out. 2017.
- BECKER, Daniel. **O Que é Adolescência?** 10<sup>o</sup> ed. Tatuapé, SP: Brasiliense, 1993.
- BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>> . Acesso em 10 out. 2017.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2<sup>o</sup> grau – série formação do professor.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar.** São Paulo: Cortez, 2012
- CASTRO, Celso. In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1997.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica como direito. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p. 293-303, 2008.
- DARIDO, Suraya Cristina et al. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, p. 138-145, 1999.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 24, p.40-52, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782003000300004>.

DE ALMEIDA, Inez Silva; RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará; SIMÕES, Sonia Mara Faria. O adolescer... um vir a ser. **Adolescência e Saúde**, v. 4, n. 3, p. 24-28, 2007.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. AULA MISTA VERSUS AULA SEPARADA? UMA QUESTÃO DE GÊNERO RECORRENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR1. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.141-156, ago. 2009. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3conece/paper/view/2218/872>>. Acesso em: 03 out. 2017.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, p. 71-83, 2010.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

KUNZ, Maria do C. S. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Básica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na Adolescência: Construindo o Conhecimento na Escola**. 6. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

**NACIONAIS**, Parâmetros Curriculares. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, p. 538-545, 1999.

NEVES, André Luiz Machado das; CALEGARE, Fernanda Priscilla Pereira; SILVA, Iolete Ribeiro da. **Escola, sexualidade e gênero: Perspectivas Críticas**. Manaus: Uea, 2016.



OLIVEIRA, GONÇALVES Vivianne. Concepções e Tendências Pedagógicas da Educação Física: Contribuições e Limites. **Itinerarius Reflectionis**, v. 1, n. 1, P. 1-8, 2005.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí: Unijuiú, 2005.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 1, 2001. PAG

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, Araraquara, nº 51 p. 9-28, 2000.

## APÊNDICE A – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Estamos realizando um estudo para construção de um trabalho de conclusão de curso intitulado: **AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR SEXO? COM A PALAVRA OS E AS ESTUDANTES.** Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a assinatura, sua participação neste estudo.

Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim desejar.

#### 1) Objetivos do estudo:

Geral:

- Compreender o que estudantes de Ensino Médio pensam sobre a questão da divisão de sexos nas aulas de educação física, em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

Específicos:

- Compreender quais são os impactos, sob o ponto de vista dos alunos, da divisão das aulas de educação física por sexos no Ensino Médio.
- Apontar sob quais argumentos se sustenta tal separação na compreensão dos alunos.

Procedimentos:

Participar de uma entrevista, previamente agendada, a ser realizada nas dependências da escola, com duração máxima de uma (1) hora. Esta entrevista será gravada e transcrita.

#### 2) Riscos e benefícios do estudo:

Primeiro: Sua adesão como participante neste estudo não oferece riscos à sua saúde e tampouco será submetido (a) a questões constrangedoras.

Segundo: Serão utilizados nomes fantasia aos entrevistados e à escola.

Terceiro: Embora o (a) senhor (a) venha aceitar participar deste projeto, estará garantido que o (a) senhor (a) poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar a sua decisão.

#### 3) Confidencialidade:

Os dados referentes ao (a) senhor (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) senhor (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta (s) entrevista (s).

#### 4) Voluntariedade:

A recusa do senhor (a) em seguir contribuindo como participante do estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

**5) Contatos e Questões:**

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEFID/UFRGS.

Prof. Fabiano Bossle

Rua Felizardo, nº 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308 5804/ 3308 5819

Laura da Silva

(Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS)

Assinatura do Participante

- 1) Conte um pouco sobre como eram e são tuas aulas de Educação Física (que ele ou ela possam contar o que faziam e como faziam as aulas de EFI desde a Ed. Infantil).
- 2) Já teve aulas de EFI separadas entre meninos e meninas? Caso sim, como eram - são?
- 3) Me fala um pouco se para você, as aulas de EFI deveriam ser separadas entre meninos e meninas e por quê?
- 4) Comente um pouco sobre como tu gostaria que fossem as aulas de EFI no Ensino Médio (qual o papel da EFI para eles).
- 5) Como tu entende que a escola de Ensino Médio poderia ser?
- 6) Gostaria de acrescentar algum comentário, crítica ou observação sobre a EFI no Ensino Médio?